



15 anos da Rev Rene

Lorita Marlena Freitag Pagliuca¹

Escrever um editorial é sempre um desafio. Quando se redige um texto científico tem-se a segurança da revisão de literatura, do método, dos resultados e, a discussão com escritos que apoiam ou desconstruem o que se pretende provar. Já afirmaram que *Nenhuma ilha é uma ilha*⁽¹⁾ (Carlo Ginzburg), *Nenhum homem é uma ilha*⁽²⁾ (John Donne) e, por conseguinte, nenhum pesquisador é uma ilha.

O conto da ilha desconhecida (José Saramago) narra a estória de um homem que pede um barco ao rei para encontrar a dita ilha. Há muitos contratempos, argumentos a favor e outros não, pois o homem não sabia navegar e nem onde ficava a ilha. Sua tamanha obstinação fez com que recebesse um barco, mais para que deixasse de importunar o rei do que por outro motivo. Diga-se de passagem, barco em mau estado, necessitado de manutenção e insumos⁽³⁾.

O homem não encontrou tripulação disposta a navegar com ele, disseram *já não há ilhas desconhecidas, e que, mesmo que as houvesse, não iriam eles tirar-se do sossego dos seus lares... à procura de um impossível*. Apenas uma mulher encanta-se com a ideia, dialogam e o homem devaneia *...quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou quando nela estiver*. A mulher pergunta: *e não o sabes...* o homem: *Se não sais de ti, não chegas a saber quem és*.

Os dois personagens não têm nome, comum na literatura do Prêmio Nobel da Literatura Portuguesa. Um homem e uma mulher unidos por um sonho, uma miragem, um delírio; por fim, um amor. Após muito navegar, os animais que traziam no barco se reproduziram; as mudas de plantas desenvolveram raízes, fixaram-se ao solo. A ilha existe e não é mais desconhecida, foi criada por eles.

A utopia é o tempero da vida, melhor quando há mais de um utópico; ainda, um grupo de sonhadores que se permite sonhar, despreocupados de resultados imediatos; ciosos de construir e preservar uma história de 15 anos. Adolescer e estar no mundo. Criar a cumplicidade para sonhar e realizar a utopia.

Teria parado aqui, mas, Antonia e Luana me pedem algumas linhas para completar mais uma página. Afinal, Editorial não pode ser tão curto, não discuto. Volto a buscar inspiração em meu autor preferido, *Todos os nomes*, de Saramago. Tudo haver com a Revista. Porque José, o protagonista, tem nome. De resto, ele trabalha em imensos arquivos que não levam a nada, porque não há apenas registros. Segura em uma linha para não se perder no labirinto dos arquivos, guarda cada documento no lugar certo.

Então, José, para preencher a solidão, passa a criar pessoas. Que labutam, sofrem. Para nós, Antonia e Luana, produzem ciência e significado. Precisam de um artigo para chegar ao mestrado, para um concurso, uma seleção. A Revista cria alma. Não somos mais anônimos insignificantes, nem seres duplicados em uma imagem de televisão.

Parabéns, Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste. Parabéns editores chefes, de seção, consultores ad hoc e equipe técnica. De forma muito especial, aos autores que ofereceram sua contribuição intelectual à Revista.

¹Universidade Federal do Ceará, Fundadora da Rev Rene, primeira Editora Chefe, Sempre presente. Fortaleza, CE, Brasil.

Como fundadora da Revista, tenho muito orgulho de estarmos aqui, juntos. Navegamos no mesmo barco, por mares acolhedores e às vezes bravios, conduzidos pelos mesmos sonhos. Cumprimos papel social importante, abrimos espaços novos para a Enfermagem. Certamente, deseja-se que a Revista consiga ampliar indexação em bases de dados, mas este não é o objetivo único. A responsabilidade social preserva a afetividade e o fazer inclusivo.

Referências

1. Ginzburg C. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
2. Donne J. Meditações. Tradução de Fabio Cyrino. São Paulo: Landmark; 2007.
3. Saramago J. Todos os nomes. São Paulo: Companhia das Letras; 1997.